

Fusões e aquisições de empresas no polo dinâmico da economia brasileira

CRISTIANO MONTEIRO DA SILVA¹

Faculdade de Tecnologia de Indaiatuba – SP – Brasil

cristiano.silva19@fatec.sp.gov.br

Resumo - No Brasil, desde a década de 1990, constata-se um amplo processo de fusões e aquisições de empresas. O objetivo central deste artigo é discutir o referido fenômeno das fusões e aquisições de empresas enquanto elemento fundamental da dinâmica econômica brasileira. A construção metodológica incorpora saberes e reflexões derivadas das teorias do desenvolvimento econômico preocupadas com a ação recíproca entre os setores de meios de produção e de bens de consumo. O movimento das fusões e aquisições de empresas em torno do polo dinâmico da economia brasileira forjou a constituição de grupos econômicos e novos padrões de reprodução sistêmica.

Palavras-chave: Fusões e aquisições de empresas; Grupos econômicos; Investimentos.

Abstract - *In Brazil, since the 1990s, there is an extensive process of mergers and acquisitions. The purpose of this article is to discuss the above phenomenon of mergers and acquisitions as a key element of economic dynamics. The construction methodology incorporates knowledge reflections derived from theories of economic development concerned with the interplay the sectors of the means of production and consumer goods. The movement of mergers and acquisitions in the dynamic pole of the Brazilian economy forged the formation of economic groups and new patterns of systemic reproduction.*

Keywords: *Mergers and acquisitions; economic groups; Investments.*

1. Introdução

A partir da década de 90 constata-se crescimento do fluxo mundial de investimento direto estrangeiro. Uma particularidade de tal movimento é que grande parte está sendo destinado ao processo de fusões e aquisições de ativos constituídos. Essa condição do IED está provocando novas relações de propriedade e mudanças na estrutura operacional e financeira das empresas, influenciando sobre o decisório estratégico e a dinâmica econômica dos países.

No Brasil, por exemplo, as operações de fusões e aquisições de empresas envolveram o polo dinâmico da economia, constituindo novos grupos econômicos e mudanças no padrão da reprodução sistêmica. Neste sentido, como é pensar o fenômeno das fusões e aquisições de empresas a luz de um método que incorpore a situação

¹ Pós Doutorado em Economia pela UNICAMP. Coordenador do curso de Gestão Empresarial da FATEC Indaiatuba.

objetiva derivada da multiplicidade dos fatores que compõem o capitalismo monopolista no Brasil?

O objetivo central deste artigo é discutir o referido fenômeno das fusões e aquisições de empresas enquanto elemento da dinâmica econômica brasileira, sem desconsiderar suas relações recíprocas com a economia mundial.

A hipótese central é que o movimento das fusões e aquisições de empresas, especialmente nos setores produtores de bens de capital e bens de consumo duráveis, caracterizados como o polo dinâmico da economia brasileira, forjou a constituição de grupos econômicos, com reflexos nas relações de propriedade, na condição patrimonial, operacional e financeira das empresas, que por sua vez segue proporcionando novos elementos influentes sobre a dinâmica econômica.

A construção metodológica incorpora o conhecimento derivado das teorias do desenvolvimento econômico preocupado com a *ação recíproca* entre os setores de meios de produção e de bens de consumo.

O trabalho está composto por três partes. Nas duas primeiras partes assentam-se o embasamento teórico e metodológico sobre as relações entre as fusões e aquisições de empresas e o nível de desenvolvimento econômico. Na terceira parte, a tese central deste trabalho, segundo a qual a constituição de grupos econômicos em torno do polo dinâmico tem provocado uma redução dos gastos destinados a composição dos ativos fixos.

2. Referencial Teórico

O polo dinâmico da economia brasileira está composto pelos setores da indústria de bens de capital e a indústria de bens de consumo duráveis, isto é, os sistemas mecânico e eletrônico. Os gastos produtivos destes setores são responsáveis pelo valor adicionado e potencializam as atividades econômicas determinantes do produto, emprego e renda. Em termos específicos, a produção dos bens de consumo duráveis ligados ao sistema mecânico, por exemplo, o complexo automotivo, demanda da indústria de bens de capital para a composição dos ativos fixos (máquinas e equipamentos). O mesmo ocorre com a demanda do sistema eletrônico. Além disso, também se verifica que os sistemas mecânico e eletrônico, de forma direta e indireta, demandam do setor de insumos básicos, neste caso particular para a composição dos ativos circulantes.

No Brasil, o Plano de Metas (1956/1961) deu início a consolidação do polo dinâmico da economia brasileira. No contexto, os investimentos assumiam papel determinante da dinâmica cíclica do processo da industrialização. Os setores líderes da industrialização foram os produtores de bens de capital e bens de consumo duráveis, não pela representatividade no produto total da economia brasileira, mas pela capacidade de criação do valor agregado e as suas manifestações perante o investimento. O planejamento estatal em torno da montagem das indústrias de material de transporte e de material elétrico também assumia peso considerável na determinação da referida dinâmica econômica. O investimento público atuava como complementar ao investimento privado estrangeiro e assim arrastavam o investimento privado nacional (TAVARES, 1998).

Em fins da década de 80, o desenvolvimento econômico apoiado na industrialização passou a enfrentar a sua fase mais crítica. Os reflexos podem ser vistos por meio dos dados relativos a situação econômica. A participação da indústria no PIB estava muito baixa quando comparada com as décadas anteriores (IBGE, 2010). A formação bruta de capital fixo (FBCF) vinculada aos setores da indústria também declinava (IPEA, 2010).

Naquele contexto, o problema em referência foi caracterizado em muitos trabalhos acadêmicos como a crise do padrão de financiamento apoiado no setor externo e no setor público. O Estado deixou de reunir as mesmas condições para continuar financiando a industrialização mediante os incentivos fiscais, subsídios, prática de preços e tarifas especiais para o consumo de serviços públicos, crédito, regulação no comércio internacional, entre outras formas. Os governos deixaram de realizar inclusive os grandes volumes de investimentos na infraestrutura, tão importante para a referida dinâmica econômica.

A eleição do governo de Fernando Henrique Cardoso representou a criação de condições sociais e políticas para avançar no sentido da abertura econômica em favor do fluxo financeiro internacional.

Nas últimas décadas, o fluxo mundial de investimentos direto estrangeiro concentrou-se na forma de fusões e aquisições de empresas, em desvantagem para a forma de investimentos em novas unidades produtivas, o chamado investimento *greenfield*. Entre 1994 e 2002, por exemplo, 59,85% do volume total de investimento direto estrangeiro entrante no Brasil esteve relacionado às aquisições de empresas nacionais por empresas estrangeiras (SCHERER, 2004).

A discussão sobre o processo de fusões e aquisições de empresas requer a forma conceitual. Por fusões se entende a junção de duas ou mais empresas em uma única empresa. Por aquisição se entende a compra de participação acionária de uma empresa existente, sem que isso acarrete em controle da propriedade acionária total da empresa, ou mesmo de uma mudança na personalidade jurídica (MIRANDA & MARTINS, 2000). Contudo, também é possível a forma de aquisição que resulta na perda da personalidade jurídica, constituindo uma terceira empresa, além de outras formas. Para os fins do presente trabalho, convém notar a relação que esses vários formatos possuem com o processo da centralização de capitais destacada na parte da fundamentação teórica.

Segundo (GARTNER, 2004), as fusões e aquisições de empresas podem ser classificadas de três modos:

- 1) Fusões e aquisições horizontais: empresa adquirida pertence ao mesmo setor ou segmento de atuação da empresa adquirente.
- 2) Fusões e aquisições verticais: a empresa adquirida e a adquirente situam-se em níveis diferentes da cadeia produtiva do setor.
- 3) Fusões e aquisições conglomeradas: a empresa adquirida e a adquirente não guardam nenhuma relação no mercado e na cadeia produtiva.

Portanto, o fato diferente das décadas anteriores é que as fusões e aquisições constituem a nova forma de interpenetração nos mercados externos, ou seja, antes a internacionalização comercial e a construção de filiais produtivas, agora o processo de incorporação e aquisição de capitais constituídos (MIRANDA & MARTINS, 2000).

3. Procedimentos metodológicos

Na sociedade capitalista existe uma multiplicidade de centros de decisão produtiva. A reprodução ampliada aparece como uma necessidade de cada capital constituído. Surgem dois elementos: a concorrência e a mobilidade de capitais. A concorrência capitalista fomenta uma disputa processual pautada pela lógica da valorização capitalista.

O produto econômico é composto pelo capital constante, que se divide em ativo fixo e ativo circulante, o capital variável, isto é, o trabalho humano, mais o trabalho excedente. A produção capitalista obriga a realização de novos investimentos, tendo em vista os ganhos de produtividade social do trabalho e uma posição suprema perante a concorrência. Contudo, a crescente incorporação de meios de produção provoca

alterações na composição técnica dos capitais. A parte que cabe aos elementos objetivos, isto é, do capital constante, cresce em relação aos elementos subjetivos, em perspectiva social e histórica.

O produto econômico é visto a partir de dois setores: 1) setor produtor de meios de produção, ou seja, os gastos destinados a composição do capital constante; 2) setor produtor de consumo individual. A questão pode ser analisada por meio da seguinte fórmula:

$$\begin{aligned} I &= CC1 + CV1 + \alpha1 + \beta1 (\beta1cc + \beta1cv) \\ II &= CC2 + CV2 + \alpha2 + \beta2 (\beta2cc + \beta2cv) \end{aligned}$$

Onde: I – Setor de meios de produção; CC1 = parte do capital despendido em ativos circulantes e fixos; CV1= parte do capital despendido em força de trabalho; $\alpha1$ = trabalho excedente, que por sua vez tem uma parte é destinada ao consumo improdutivo e outra parte é destinada ao gasto produtivo, que se divide em capital constante ($\beta1cc$) e o variável ($\beta1cv$); II – Diz respeito ao setor de consumo individual; possui a mesma composição, porém, aplicada nas relações sociais de produção do setor II.

Grosso modo, a dinâmica econômica capitalista é determinada pelo setor de meios de produção, que ao realizar os gastos produtivos ($\beta1cc + \beta1cv$) incorpora rendimentos ao capital variável e assim amplia das bases objetivas de demanda do setor II, inclusive para o seu decisório sobre a recomposição operacional (ativos fixos e circulantes). Neste caso têm-se as relações interdepartamentais. Mas também se aplica para as trocas intradepartamentais, ou seja, o gasto produtivo do setor I ($\beta1cc$) destinado a reposição dos capitais fixo e circulante, que por sua vez dinamizam os subsetores de meios de produção. Em suma, a indústria de meios de produção tem capacidade de induzir, a partir de sua produção, a demanda para si mesma e para os outros setores econômicos.

A reprodução simples equivale a reprodução de quantidades constantes. O setor de meios de produção pode usar o mesmo valor de capital constante e o setor de consumo individual o mesmo de variável e mais-valia. O que é intercambiado é a parte do produto do setor de consumo individual cujo valor corresponde ao capital constante, e a parte do produto do setor de meios de produção cujo valor corresponde ao variável e o trabalho excedente.

Neste caso, a fórmula de equilíbrio se apresenta da seguinte maneira:

$$CII = v I + \alpha1$$

A reprodução ampliada tem que ser vista de forma diferente. Por reprodução ampliada se compreende o processo pelo qual ocorrem os gastos destinados ao aumento da capacidade produtiva. Em sentido mais amplo, vê-se o processo das trocas entre os distintos setores. A fórmula seguinte permite a visualização de tal intercâmbio:

$$cII + \beta cII = vI + \alpha I + \beta v I$$

Sendo:

cII: capital constante de II

β cII: o quanto II aplicará em capital constante.

vI: variável de I

αI : trabalho excedente de I

$\beta v I$: o quanto I vai aplicar em variável.

Para efeito das trocas interdepartamentais, a fórmula da reprodução ampliada evidencia uma relação de dependência entre a situação de trabalho excedente e gastos operacionais destinados ao capital variável do setor de meios de produção ($vI + \alpha I + \beta v I$) e a situação e os gastos produtivos de incorporação de capital constante do setor II ($cII + \beta cII$), em perspectiva dinâmica.

4. Investimentos no polo dinâmico da economia brasileira

A configuração atual do polo dinâmico da economia brasileira ainda reserva alguns traços das décadas da segunda metade do século XX. São exemplos: segue muito concentrada na produção de máquinas e equipamentos tipicamente industriais e de transporte, os quais, em 2005, respondiam por cerca de 70% da indústria de bens de capital (NASSIF, 2009); o maior mercado para a demanda de máquinas e equipamentos é o sistema metal mecânico; ainda possui representatividade no valor adicionado da indústria de transformação (ABDI, 2011); no caso do setor de bens de consumo duráveis são considerados os sistemas mecânicos e eletrônicos. “São os setores por excelência da dinâmica da industrialização recente” (TAVARES, 1998, p. 85). A inserção dele determina o nível de crescimento; no Brasil, o setor de bens de consumo duráveis, a cada patamar da produção e consumo que provoca um novo ciclo de expansão, dá lugar a uma capacidade ociosa crescente (TAVARES, 1998).

As fusões e aquisições de empresas ocorridas na economia brasileira, sobretudo, a partir da década de 1990, promoveram a constituição de novos grupos econômicos em torno do polo dinâmico, com reflexos nas relações de propriedade, na condição patrimonial, operacional e financeira das empresas, e, por consequência, na dinâmica econômica capitalista. Enfim, constituiu-se o que Braga (2000) chama de empresas de caráter multifuncionais, multisetoriais e multinacionais.

No Brasil, nas décadas relativas a segunda metade do século XX, os sistemas mecânico, especialmente o complexo automotivo, mais o sistema eletrônico, se relacionavam com a indústria de bens de capital no sentido da composição do capital constante mais pautado em ativo fixo (máquinas e equipamentos), mas no presente se vê uma relação maior destes sistemas com os setores de insumos básicos, no sentido da construção do capital constante, porém, mais pautado em ativo circulante. É fato que o polo dinâmico ainda está no sistema mecânico e eletrônico, o novo é a relação destes com o setor de insumos básicos, e este com a indústria de bens de capital.

4.1 O sistema mecânico

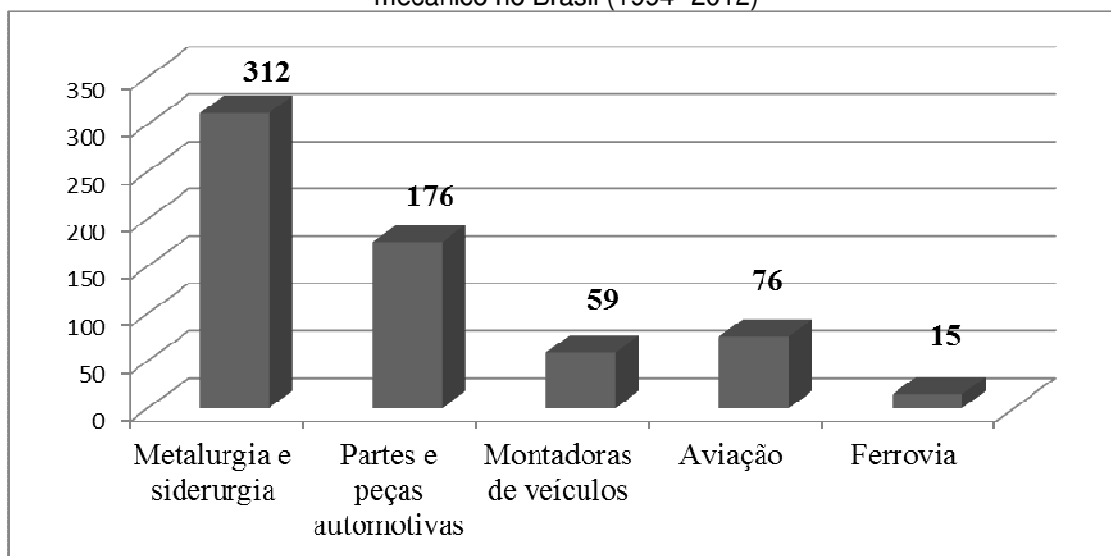
Para efeito de análise, o sistema mecânico pode ser compreendido a partir dos segmentos de máquinas e equipamentos, devidamente analisados na parte anterior, mais o complexo automotivo, a construção naval, entre outros que aparecem na fase do produto final. Portanto, nestes termos, para os fins deste trabalho, importa perceber que, por exemplo, o complexo automotivo, que compõe o sistema mecânico, demanda máquinas e equipamentos, além dos insumos produtivos, para a composição do seu capital constante.

O sistema mecânico pode ser caracterizado como um dos mais relevantes sistemas produtivos na economia brasileira. Neste sentido, é visto como estratégico, por conta da sua forte inserção histórica, densidade estrutural que permite a geração de empregos diretos e indiretos, além de uma estrutura operacional diversificada, onde operam empresas de diferentes portes. No sistema mecânico, em relação ao papel dos

bens duráveis, o complexo automotivo e autopeças incorporam um peso significativo na cadeia produtiva e na perspectiva da valorização (SARTI & HIRATUKA, 2010).

O Gráfico seguinte ilustra alguns segmentos do sistema mecânico. O maior número de operações aconteceu no segmento de metalurgia e siderurgia, que representa o fornecimento da etapa inicial do sistema, seguido de informações sobre os segmentos que compõem o complexo automotivo, neste caso autopeças e montadoras de veículos, mais as informações sobre transportes aéreo e ferroviário. Em suma, os números de fusões e aquisições de empresas são representativos, sem falar dos demais segmentos que também fazem parte do sistema mecânico ².

Gráfico 1. Fusões e aquisições de empresas em alguns segmentos do sistema mecânico no Brasil (1994- 2012)



Fonte: KPMG– Pesquisa de fusões e aquisições do 4 trimestre de 2012. Elaboração própria

A tabela 1 revela indicadores do sistema mecânico instalado na economia brasileira, no período de 1998 a 2007. Entre todos, convém notar a participação dos investimentos em máquinas e equipamentos. “A participação do sistema no total de investimentos da indústria caiu de 15,2% em 1998 para 7,7% em 2007” (SARTI & HIRATUKA, 2010, p. 175). Além disso, a taxa de investimentos, medida por meio da relação do investimento com a receita líquida do setor, manifesta números inferiores às décadas passadas e um movimento declinante. “Também é baixa e decadente a taxa de investimento no sistema como um todo” (SARTI & HIRATUKA, 2010, p. 176).

Tabela 1. Evolução dos indicadores do Sistema Mecânicos 1998-2007

Indicadores	1998	2000	2003	2005	2006	2007
Saldo comercial	1,6	1,4	4,1	7,0	6,4	2,9
Part. Invest. Máqs. e equps.	15,7	13,6	15,7	15,3	9,5	8,6
Taxa de Investimento (Inv/RL)	6,4	5,6	4,1	5,1	3,2	3,5

Fonte: IBGE. Elaboração Projeto PIB (SARTI & HIRATUKA, 2010).

² Fez-se uso dos dados da KPMG (2012). As denominações utilizadas pela empresa são diferentes de outras empregadas em trabalhos científicos dedicados ao tema. Para os fins deste trabalho optou-se pela divisão dos segmentos em torno do conceito do polo dinâmico.

Convém lembrar que os dados incorporam os resultados dos segmentos de máquinas, o complexo automotivo, a indústria naval, entre outros. O particular do complexo automotivo traz resultados ainda mais reveladores sobre a taxa de investimento em capitais fixos no Brasil.

O setor automotivo conta com uma cadeia de fornecedores estruturada. A indústria de autopeças, por exemplo, se caracteriza como fornecedora e reúne muitas unidades produtoras em vários estados. A cadeia de fornecimento por parte de autopeças está dividida em três níveis. O primeiro é composto por empresas que fornecem sistemas completos para a montagem dos automóveis. Essas empresas possuem plantas mais próximas das montadoras. Geralmente são grandes empresas multinacionais. O segundo nível é composto por empresas que fornecem peças isoladas e materiais para as empresas do primeiro nível. Em geral, são empresas médias e pequenas. Já as empresas dos demais níveis possuem margens de lucro menor e atuam em mercados menos concentrados. A menor margem se explica porque tais empresas têm como fornecedores as industriais de aço, tintas, alumínio e pela frente os sistemistas mencionados acima (CASOTTI & GOLDENSTEIN, 2008).

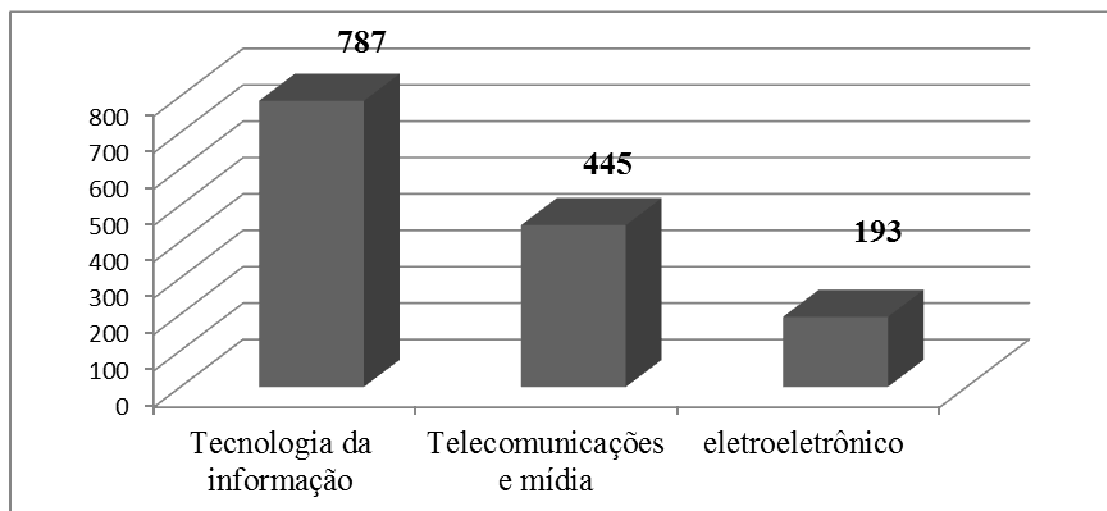
A participação dos investimentos em máquinas e equipamentos e a taxa de investimento medida pela relação investimento e receita líquida do complexo automotivo também caíram no período em questão. “Por exemplo, no caso dos veículos comerciais e máquinas agrícolas, a taxa de investimento (sobre o valor agregado) caiu de 22,8% em 1998 para apenas 8,8% em 2007” (SARTI & HIRATUKA, 2010, p. 176). Também se nota redução no campo dos automóveis e autopeças. Enfim, é fundamental perceber que o sistema tem perdido espaço na dinâmica do investimento produtivo brasileiro, que por sua vez tem se concentrado muito mais em insumos básicos, bens salário e agronegócio (SARTI & HIRATUKA, 2010).

4.2 O sistema eletrônico

O sistema eletrônico, sob a ótica do produto, está composto pelos seguintes segmentos: automação industrial, bens eletrônicos de consumo, informática, telecomunicações, softwares, entre outros. O segmento de automação industrial está dividido em automação da manufatura, que trata de processos discretos, e o controle de processos, que trata de processos contínuos. O segmento de bens de consumo eletrônico oferta, por exemplo, vídeos (televisores, videocassete, câmaras de vídeos), áudios (rádios, gravadores) e outros (calculadoras, relógios) (COUTINHO Et al, 1993). Essas atividades produtivas demandam dos setores de bens de capital e dos setores de insumos básicos, isto é, dos setores de meios de produção, tendo em vista a composição do capital constante.

No sistema eletrônico também se notam muitas operações. O segmento de tecnologia de informação alcançou o número de fusões e aquisições muito acima dos demais segmentos. Os componentes eletrônicos para consumo apresentam o número de 193 operações.

Gráfico 2. Fusões e aquisições de empresas em alguns segmentos do sistema eletrônico no Brasil (1994- 2012)



Fonte: KPMG– Pesquisa de fusões e aquisições do 4 trimestre de 2012. Elaboração própria

A tabela seguinte mostra as maiores empresas residente no sistema eletrônico, escolhidas pelo critério das vendas líquidas, no ano de 1995. É importante notar que são grandes empresas, algumas delas de capital brasileiro, atuando em vários segmentos do sistema eletrônico.

Tabela 2. Maiores empresas do sistema eletrônico por vendas líquidas em 1995

NOME	CONTROLE	VENDAS (em US\$ milhões)
Whirlpool	Americano	4.048,05
CCE-AM	Brasileiro	1.958,6
Philips Amazônia	Holandês	1.908,07
Electrolux	Sueco	1.792,6
NEC	Japonês	1.595,3
Semp Toshiba	Brasileiro	1.458,7
FIC	Americano	1.295,7
Sharp do Brasil	Brasileiro	1.274,4

Fonte: Revista Exame (2012). Elaboração própria.

A tabela 3 também revela as maiores empresas residente no sistema eletrônico, porém, para o ano de 2010. A comparação mostra duas mudanças. Uma delas é sobre o controle do capital, pois nota-se a participação de empresas que antes não participavam do processo de vendas. É o caso das empresas coreanas e chinesas. E a constatação de que cresceu o volume de vendas reservado a este número de empresas, o que de certo modo sinaliza um processo de concentração produtiva e de mercado no sistema eletrônico.

Tabela 3. Maiores empresas do sistema eletrônico por vendas líquidas em 1995

NOME	CONTROLE	VENDAS (em US\$ milhões)
Samsung	Coreano	5.062,7
Whirlpool	Americano	4.357,8
Electrolux	Sueco	2.655,6
LG	Coreano	2.078,5
Siemens	Alemão	2.009,9
Nokia	Finlandês	1.957,5
Huawei	China	1.272,0
AOC	China	889,2

Fonte: Revista Exame (2012). Elaboração própria.

O faturamento do sistema eletrônico cresceu a partir da década de 90 (ABINEE, 2012). Entretanto, o expressivo crescimento das vendas do sistema eletrônico não foi suficiente para elevar a participação nos investimentos em máquinas e equipamentos do setor em relação ao conjunto da indústria. Além disso, vê-se um declínio da taxa de investimento medida pela relação entre investimento e receita líquida. “O sistema eletrônico é, dentro da indústria, o sistema com menor relação investimento/valor agregado, ficando muito abaixo dos demais sistemas” (SARTI & HIRATUKA, 2010, p. 203).

Tabela 4. Evolução dos indicadores do Sistema Eletrônico 1998-2007

Indicadores	1998	2000	2003	2005	2006	2007
Saldo comercial	-3,8	-4,6	-2,1	-5,8	-8,1	-10,8
Part. Invest. Máqs. e equips.	11,5	4,0	1,1	1,5	0,8	0,9
Taxa de Investimento (Inv/RL)	16,1	3,1	1,4	1,3	1,2	1,5

Fonte: IBGE. Elaboração Projeto PIB (SARTI & HIRATUKA, 2010).

O sistema eletrônico apresenta elevado coeficiente de importação e saldos comerciais bastantes negativos. No período de 1998 a 2007, como se vê na tabela 2, conviveu com sucessivos déficits comerciais externos. Para melhor ilustrar a questão, “o total importado em 2008 atingiu a marca de US\$ 27,6 bilhões, o que representou aproximadamente 16% do total das importações brasileiras naquele ano” (SARTI & HIRATUKA, 2010, p. 202).

5. Conclusão

No Brasil, desde a segunda metade do século XX, o sistema industrial mecânico, especialmente o complexo automotivo, mais o sistema industrial eletrônico, caracterizados como o polo dinâmico da economia brasileira, se relacionavam com a indústria de bens de capital no sentido da composição do capital constante mais pautado em ativo fixo.

Contudo, a partir da década de 90, vê-se a constituição de grandes grupos econômicos em torno do polo dinâmico, que por sua vez montou uma relação maior destes sistemas com os setores de insumos básicos, no sentido da construção do ativo circulante na composição do capital constante. É fato que o polo dinâmico ainda está no sistema mecânico e eletrônico, o novo é a relação destes com o setor de insumos básicos, e deste com a indústria de bens de capital.

A concentração capitalista, pelas razões descritas ao longo deste trabalho, está trazendo contradições ao decisório do investimento em ativos fixos (máquinas e equipamentos), especialmente para os casos dos sistemas mecânico e o eletrônico. Em suma, a dinâmica econômica determinada pelos grandes grupos econômicos situados no sistema mecânico e eletrônico exige capital adiantado de preços mais altos combinado com tempos de rotação menores. Não se trata de *impossibilidades absolutas* de investimentos em ativos fixos. O ponto é a evidência e o esclarecimento sobre o movimento contraditório que limita os potenciais de investimentos.

A contribuição do trabalho é a discussão em torno da hipótese de uma construção metodológica sobre os esquemas de reprodução ampliada que promova a diferenciação entre os valores do ativo fixo e do ativo circulante, na composição do capital constante.

A forma propositiva aparece em vários campos. A primeira questão a notar é a necessidade de financiamento público para o longo prazo em torno do polo dinâmico da economia brasileira, como forma de reduzir o papel estratégico dos investidores institucionais no decisório sobre a formação bruta de capital fixo e assim se alcançar uma determinação do produto, emprego e renda capaz de alavancar a dinâmica dos demais setores.

Referências

ABDI – Associação Brasileira do Desenvolvimento Industrial. Notas sobre a competitividade atual da Indústria brasileira de Bens de Capital. 2011. Disponível em: <WWW.abdi.org.br > .

BRAGA, J.C. *Temporalidade da riqueza: teoria da dinâmica e financeirização do capitalismo*. Campinas: Editora IE Unicamp, 2000.

CASOTTI, B. P. & GOLDENSTEIN, M. *Panorama do setor automotivo: as mudanças estruturais da indústria e a perspectiva do Brasil*. Rio de Janeiro: BNDES Setorial, n.28, p.147 -188, set. 2008.

GARTNER, I. R. *Estratégia de expansão das operações por fusões e aquisições: impactos no desempenho das empresas do setor químico e petroquímico brasileiro*. São Paulo: FGV, 2004.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Pesquisas estruturais. Disponível em: <WWW. ibge.gov.br > .

IPEA – Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada. Textos para discussão. Vários números. Disponível em: <WWW. ipea.gov.br > .

IEDI - Instituto de estudos do Desenvolvimento Industrial. Cartas do IEDI. Disponível em: <WWW. ledi.org. >.

KPMG. Pesquisas sobre fusões e aquisições. Disponível em: <www.kpmg.com.br. Vários números.

MELLO, J. M. C. *Capitalismo tardio*. São Paulo: Brasiliense, 1986.

MIRANDA, J.C. & MARTINS, L. *Fusões e aquisições de empresas no Brasil*. Campinas: Economia e Sociedade, p.67-88, junho, 2000.

NASSIF, A. *Estrutura e competitividade da indústria de bens de capital brasileira*. Rio de Janeiro: BNDES, 2007.

SOBEET - Sociedade Brasileira de Estudos de Empresas Transnacionais e Globalização Econômica. *Carta da SOBEET*. Vários números.

SARTI, F. & HIRATUKA, C. (Coord.). *Perspectivas do investimento na Industrial*. Rio de Janeiro: Synergia: UFRJ, Instituto de Economia; Campinas: UNICAMP, Instituto de Economia, 2010.

TAVARES, M.C. & MIRANDA, J. C. Brasil: estratégias de conglomeração. In: FIORI, J. L. (org.). *Estados e moedas no desenvolvimento das nações*. Petrópolis: Vozes, 2000.

TAVARES, M. C. *Da substituição de importações ao capitalismo financeiro*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1982.

_____. *Ciclo e Crise: o movimento recente da industrialização brasileira*. Campinas: Editoria IE Unicamp, 1978.

UNCTAD. Relatório sobre investimentos no mundo, da Conferência das Nações Unidas para o Comércio e o Desenvolvimento. Disponível em: < www.sobeet.org.br>.